



A máquina do mundo (não) cabe em mim

The word machine doesn't fit me

Odalice de Castro Silva*
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil

Rafaela de Abreu Gomes**
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil

Resumo: Esta é uma reflexão, dividida em duas partes, acerca do que, no *Timeu*, de Platão, se propõe como organização do Universo, a partir de relações circulares, seguida de leitura crítica do poema “A máquina do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade. Nossa escolha conflui para um percurso em direção a entendimentos de “engrenagens” fundamentais as quais, em conjunto, Drummond chamou *máquina* do mundo. Assim, não foi objetivo desta discussão o alcance de um consenso (ou resposta) para as questões suscitadas. A reflexão, orientada pelos textos filosófico e poético, se configura como exercício compreensivo-interpretativo-crítico, o que consideramos necessário ao pesquisador interessado em suas próprias dúvidas.

Palavras-Chave: Interpretação. Poesia e Filosofia. Linguagem.

Abstract: This is a reflection divided into two part son what, in Plato's *Timaeus*, is proposed as an organization of the universe, based on circular relations, followed by a critical reading of Carlos Drummond de Andrade's poem "The Machine of the World". Our choice converges towards a path toward understandings of fundamental "gears" which, together, Drummond called the world machine. Thus, the scope of a consensus (or response) to the issues raised was not the objective of this discussion. The reflection, oriented by the philosophical and poetic texts, is configured as a comprehension-interpretative-critical exercise, which we consider necessary for the researcher interested in his own doubts.

Keywords: Interpretation. Poetry and Philosophy. Language.

* Professora Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada, vinculada ao Departamento de Literatura e ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. E-mail: ocastroesilva@gmail.com.

** Estudante do Doutorado Acadêmico em Letras, com ênfase em Literatura Comparada, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, com apoio CAPES. E-mail: abreurafacla@live.com.pt.

1 EU ESTOU NA MÁQUINA

A causa primeira não tem origem, já que da causa primeira nasce a totalidade da natureza, e ela, não obstante, não pode nascer de outra coisa, pois não seria a causa primeira, já que se originaria de uma causa exterior. E se não nasce nunca, tampouco morre.

(Marco Túlio Cícero, “O sonho de Cipião”, XXV)

Era tão claro o dia, mas a treva,
do som baixando, em seu baixar me leva

pelo âmago de tudo, e no mais fundo
decifro o choro pânico do mundo,

que se entrelaça no meu próprio choro,
e compomos os dois um vasto coro.

(Carlos Drummond de Andrade, “Relógio do Rosário”)

No *Timen*, de Platão, a metafísica do universo pode ser compreendida a partir de relações entre uma instância circular, indivisível e imutável, e outra, também circular e guardada no interior da primeira, mas em contínuo *devenir*, mantenedora de possibilidades para o “ser” das coisas que, ainda neste “lugar”, não ultrapassariam uma etapa de potencialidade.

Como integrante da primeira esfera (“e1”), a que não muda, a segunda esfera (“e2”), em movimentos continuados no âmago daquela, geraria uma terceira instância, cuja caracterização se voltaria para as realizações de diferenças, de modo que, da mescla entre “e1” e “e2”, se originariam todas as potencialidades de uma Diferença fundamental, da qual tudo o que conhecemos como realização sensível, isto é, tudo o que chamamos de “seres” e “coisas” teria surgido, através das movimentações ininterruptas de “e2” no interior de “e1”, as quais, por sua vez, seriam as responsáveis por alimentar permanentemente a força motriz da Diferença, origem da sensibilidade que percebemos e compreendemos. Seguindo esta perspectiva, podemos dizer, então, que cada *ser*, em suas distinções únicas, tem em si um sopro da Diferença:

[...] o ser, o espaço limitado e o vir a ser – três coisas distintas – existiam antes que o céu viesse a ser; e a nutriz do vir a ser, liquefeita e recebendo inclusive as formas da terra e do ar e experimentando todos os estados passivos que as acompanham, mostra toda variedade de aparência. (*Timen*, 52, e)

A nutriz, a força motriz da Diferença, estaria ligada, também, à alma do *ser*, o elo do “Construtor” ou “deus eterno” (*Timen*, 34, b) com “e1”, “e2”, com a Diferença e, por extensão desta, com o “*ser*” de todos os seres, aquilo que dá ânimo aos corpos e aos elementos da natureza, pondo-os em estado de vida. Do “Construtor”, um sopro de *anima* se potencializaria para que, no *vir-a-ser*, se realizasse, por exemplo, como o que Paul Valéry chamou “espírito” (“[...] la possibilité, le besoin et l’énergie de séparer et de développer les pensées et les actes qui ne sont pas nécessaires au fonctionnement de notre organisme ou qui

ne tendent à la meilleure économie de ce fonctionnement²) (Valéry, *Oeuvres* 1078), de forma que, “alma” ou “espírito”, em cada inteligência haveria elementos originários da *anima* do “Construtor”.

Essa imagem do “Construtor” para o *Timeu* é, segundo a leitura de Ernst Robert Curtius (1886 – 1956), “[...] uma sublimação do deus artífice mítico. Ambos os elementos [“Construtor” e “deus artífice”] se fundem com o deus oleiro, tecelão e ferreiro do Antigo Testamento, no tópos medieval do Deus *artifex*” (Curtius 706) – adjetivação cujo campo semântico guarda, também, os termos “artifício”, “artificial” e seus derivados³.

Observando ligações como as que existem entre essas palavras, notamos que a significação pode, às vezes, se distanciar da “memória” do signo; no *artifex* está o “artificial”, isto é, o que foi feito, assim como o “artifício” (como foi feito) e, no *Timeu*, sublimados, porque foram alçados a graus elevados, esses termos juntam-se também ao *figulos*, o deus oleiro, em suas variações (tecelão, ferreiro, carpinteiro etc.).

Em amálgama, a cadeia de potencialidades sugeridas no *artifex* permite uma leitura inesgotável das realizações da Diferença. Ao mesmo tempo, uma vez perseguindo “estradas” metafísicas, o indivíduo curioso tem a ligeira impressão de que, a um só tempo, pode percorrer o fim e o começo do caminho de sua vida, de modo que, não em linha reta, mas procurando perceber o que se configura em imagem para a sua visão e em sensação para os seus sentidos, considera-se vivendo em espaço circular, atravessado por forças de atração e retroação, as quais, e contínua atividade e em combinações quase infinitas, dão-lhe a sensação de que a convencionalidade que separa passado e futuro é orientada por sua própria localização. Assim, toda vez que pensamos a respeito da organização e das origens do inteligível, sentimo-nos em solo acidentado, receosos de pisar não em buracos, mas no vazio de um abismo que nos levaria à ausência total de superfície, muito embora, uma vez que tenhamos voltado atenções para o assunto, sejamos conduzidos a ele com mais e mais força de atração.

2 A MÁQUINA ESTÁ EM MIM

Pensando sob a ótica platônica, sentimo-nos, enquanto indivíduos, como realização possível da Diferença soprada, com *anima*, pelo Construtor. Em nosso lugar, estaríamos um tanto distantes de “e1” e “e2”, mas ainda ligados às duas esferas, através de nossa alma. Lendo um poema que Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) escreveu, chamado “A máquina do mundo” (In: *Claro Enigma*, 1951)⁴, nos aproximamos de uma experiência, realizada em linguagem poética, a respeito do que pode ser uma perseguição da Origem. Tendo-o lido, fizemos marcações de cinco momentos e de um desdobramento do quinto momento, os quais apontaremos a seguir, na transcrição do poema, ao longo de nossa interpretação, a fim de que possamos refletir um pouco mais a respeito de questões fundamentais, como as que são propostas no *Timeu*.

O poema é extenso, mas é necessário transcrevê-lo inteiramente, pois consideramos que as palavras escolhidas pelo poeta ocupam um lugar fundamental no espaço do texto, demoradamente pensado durante a escrita – omitir uma delas causaria prejuízos para nossa

² “a possibilidade, a necessidade e a energia de separar e desenvolver os pensamentos que não são necessários para o funcionamento de nosso organismo ou que não tendem a melhor economia deste funcionamento” (tradução nossa).

³ Artifício: ‘processo ou meio para se obter um artefato ou objeto artístico’ ‘recurso engenhoso’ ‘astúcia’ // artífice: ‘artesão, operário’ Do latim *artifex* (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha).

⁴ Ano da edição consultada: 2012.

reflexão. Além disso, segundo João Adolfo Hansen (1942, –), a “máquina” drummondiana “[...] começa a se revelar ao cair da noite, que não é só noite física, mas noite existencial, noite moral, noite política, noite histórica, noite metafísica e noite do conhecimento, numa estrada pedregosa de Minas” (HANSEN, 2018, p. 309), de modo que, ao lermos os versos, precisamos de cada palavra da voz poética para compreendermos não apenas a “noite” a que se refere Hansen, mas o que, uma vez escrito, pode configurar tal “máquina”.

As marcações que fizemos foram estabelecidas a partir do que percebemos como inserção de nova camada discursiva, em relação à anterior. No primeiro momento, lemos o seguinte:

A MÁQUINA DO MUNDO

E como eu palmilhasse vagamente **(1º momento: início)**
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia. **(1º momento: final)**
(DRUMMOND, 2012, p. 105)

A descrição é uma etapa importante para configuração e compreensão do texto poético porque, através dela, o leitor pode se integrar ao que lê na medida em que lê; neste caso, o poeta passa a compor uma paisagem de Minas Gerais, de modo que, caminhando lentamente por uma estrada “pedregosa”, aos poucos percebe seus sentidos mais sensíveis, tanto ao som de “um sino rouco” quanto à visão de pássaros num céu cinzento. E o leitor, ao mesmo tempo em que lê, visualiza a cena descrita e, como se fosse possível transpor o espaço do texto no papel, imagina que ele, não o poeta, caminhe através da paisagem apresentada.

Integrando-se à natureza, realizada nas formas descritas, o poeta adentra uma escuridão que, diluindo a paisagem, torna-se maior que o céu cinzento, e maior também que a nebulosidade presente em sua subjetividade – esta última, tão densa que, de livrar-se dela, ele já fugia.

Todavia, depois de visualizada a cena-escuridão, o leitor chega quase a escutar do poeta que a “máquina do mundo” se entreabriu diante de seus olhos, quando ele, enfim, se integrou à natureza circunstancializada e, uma vez com ela, mostra-se ao entendimento do leitor como se em estado de suspensão, olhando para a máquina:

Abriu-se majestosa e circunspecta, **(2º momento: início)**
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável

pelas papilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejava recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo: **(2º momento: final)**
“O que procuraste em ti ou fora de **(3º momento: início)**
(DRUMMOND, 2012, p. 105-106)

A Máquina se mostra e se dirige, “em colóquio”, ao poeta, sem excessos (ou impurezas), a fim de que sua mente cansada, a quem ela se voltava no instante de sua manifestação, fosse capaz de entender a presença que se realizava, entreaberta e luminosa, mas num “clarão” tolerável para uma mente que não mais pensava, porque o ato de pensar, apenas, não alcançaria o “lugar” onde a Máquina habitaria e, por não mais fazê-lo, procurava “mentar”.

Embora já estivesse fatigada, foi possível à mente exausta enxergar o que estaria por trás da imagem, isto é, da representação das coisas, da *mimesis* que integra a nossa aprendizagem. Então o poeta diz ao leitor que havia diante de seus olhos, vinda de abismos de mistério, uma “realidade que transcende/ a própria imagem”, num ato de generosidade com seus sentidos desgastados porque, até então, só desertos de entendimento é que, a eles, se mostravam.

A esses sentidos gastos, a Máquina convidou ao “pasto inédito/ da natureza mítica das coisas”, falando diretamente com o poeta, sem intervenção de outras vozes “sobre a montanha”, isto é, de vozes que estivessem acima de seu entendimento. Por um instante, a Máquina se pôs em altura suficiente para que o poeta pudesse enxergá-la e escutá-la:

“O que procuraste em ti ou fora de **(3º momento: início)**

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexos primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.” (3º momento: final)
(DRUMMOND, 2012, p. 106)

A Máquina re-conhece as tentativas dolorosas do poeta para compreendê-la ou mesmo identificá-la e, como *gratia*, faz-se ver e ouvir pelo “ser restrito”, cansado de “mentar”, orientando-o a ver, a reparar e a auscultar as palavras que ela proferiria em seguida, pois apenas escutar não seria o bastante, haveria necessidade de “aplicar o ouvido, o peito, o ventre etc. para conhecer os ruídos que se produzem”⁵ no interior de tudo o que integra o mundo sensível.

Então, a Máquina, pausadamente, diz (de) sua fala ao poeta, contando-lhe que a “riqueza/ sobrante a toda pérola”, que pode ser a possibilidade misteriosa de um ser vivo produzir, em seu interior, um objeto raro, se configura como “ciência/ sublime e formidável, mas hermética”, pois, ao mesmo tempo em que alcança graus elevados em direção a uma *ontologia*, também assusta inteligências, já que, na grafia de “formidável”, *form* guarda a possibilidade da representação, de “dar forma” a algo, mas *formid* também se liga a *formidare* e a *formidabilis*, étimos para “formidando” (que causa medo) e “formidoloso” (medroso).

Nesse sentido, uma riqueza fundamental pode ser representada, mas não deixará de causar temor. Hermética, conservará relações com mitos, especialmente com Hermes, o deus grego filho de Zeus e Maia, responsável por prestar serviços aos deuses do Olimpo, bem como por “[...] servir ambrosia à mesa dos imortais” (Commelin 50).

Ademais, tal possibilidade representativa não se configura, segundo a voz da Máquina, como objeto ou objetivo a ser alcançado ao final de um percurso; há de haver uma empreitada corajosa e incansável, através da qual a “riqueza” fundamental, mas hermética, poderá revelar-se, durante a procura, “ante a pesquisa ardente”. Depois de preparar-se para auscultá-la, um indivíduo deverá, também, ser capaz de recebê-la em seu espírito, de modo que, uma vez diante do mistério, será necessário “abrir o peito” para “agasalhá-lo”.

Tendo escutado a Máquina, o poeta foi capaz de enxergar

As mais soberbas pontes e edifícios, (4º momento: início)
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge

distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais

⁵ ‘Auscultar’, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Antônio Geraldo da Cunha.

e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos mistérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar,
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade:

e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana. **(4º momento: final)**
(DRUMMOND, 2012, p. 106-107)

Submetido aos olhos do poeta, um “reino augusto” se tornara acessível por alguns instantes ao seu espírito. A descrição dos elementos da cena que ele viu mostra ao leitor que os elementos da natureza puderam estabelecer uma harmonia com sua inteligência e, em equilíbrio, o *ser* de cada “ser” integrou, num ínterim, como na compreensão platônica do *Timen*, um organismo perfeito, no qual todas as partes, em ação e re-ação, têm um lugar unicamente seu. Trata-se de harmonia tão profunda, que o poeta sente a energia de uma força motriz que “dá volta ao mundo e torna a se engolfar/ na estranha ordem geométrica de tudo”, situada além de qualquer “monumento” erguido pela racionalidade humana. No entanto, através de um discurso personalizado, quase confessional, o leitor recebe, partilhada, a reação do poeta:

Mas, como eu relutasse em responder **(5º momento: início)**
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima – esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra:

como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando, **(5º momento: final)**
e como se outro ser, não mais aquele **(5º momento: desdobramento)**
habitante de mim tantos anos,
(DRUMMOND, 2012, p. 107-108)

“Mas, como eu relutasse”: o pretérito imperfeito (do subjuntivo) sugere uma possibilidade para a reação do poeta; ou ele relutava em responder porque não queria responder, porque não sabia ou porque não conseguia responder. Essa dúvida permanece

para o leitor, mas, ao mesmo tempo, através dela, percebemos que o poeta alcançou um estado de graça, depois de ver e ouvir a Máquina. Repleto de neutralidade, com fé, anseio e esperança abrandados, sentiu-se diferente,

e como se outro ser, não mais aquele **(5º momento: desdobramento)**
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.
(DRUMMOND, 2012, p. 108)

A Máquina se recompôs e o poeta, ainda em estado de graça, não se mostrou senão “incurioso” e “lasso” diante da revelação alcançada. Apesar de não ter havido resposta verbal de sua parte, a descrição de como seus sentidos foram afetados com a proximidade da Máquina nos mostra que a manifestação, dela para ele, modificou sua percepção do sensível, ao mesmo tempo em que o leitor poderá dizer que a Máquina não cabe no poeta, embora ele não cesse de buscá-la.

Finalizada uma leitura desse poema drummondiano, a partir de nossa divisão, com caráter metodológico, sentimo-nos um pouco mais preparados para auscultar a linguagem ficcional e poética, ao mesmo tempo em que temos intensificada a necessidade de percebermos, apesar de nosso “ser restrito”, a profundidade singular do que nos cerca.

Embora o poeta não tenha respondido com palavras à Máquina, a descrição de sua integração à paisagem e a modificação de seus sentidos, depois de ter estado com ela, são elementos suficientes para entendermos que a linguagem, em poesia, pode procurar pelos mistérios que interessam aos que a operam. As “mãos pensas” do poeta podem ser as mãos que escreveram “A Máquina do Mundo”, no instante em que o poema foi escrito, assim como podem ser as do leitor, à procura de compor os detalhes da cena lida, ou mesmo as mãos de todos os que, vislumbrando a circularidade do idêntico, do que *pode-ser* e do que se realiza em diferença, a propósito do mitológico *Timeu*, procuram se localizar o mais claramente possível em suas circunstâncias, no curso de suas vidas.

Finalmente, lendo “A Máquina do Mundo”, pensamos nas muitas coletâneas de textos que podemos construir com o que lemos e que nos fazem pensar que a linguagem poética

continua uma fonte perene onde podemos dar de beber à nossa curiosidade, a partir de seus modos de manifestação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- COMMELIN, O. *Mitologia grega e romana*. Tradução de Eduardo Brandão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- Hansen, J. (2018). Máquina do Mundo. *Teresa*, 1(19). Disponível em: <295-314. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2018.149115>>. Acesso em: 02/09/19, às 15h44.
- PLATÃO. *Diálogos V: O banquete; Mênon (ou da virtude); Timeu; Crítias*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2010.
- VALÉRY, Paul. “La liberté de l’esprit”. In: *Oeuvres II*. Dijon, France: Bibliothèque de la Pléiade, Librairie Gallimard, 1960.

Recebido em: 28/11/2019

Aprovado em: 07/12/2019

Publicado em: 19/12/2019